



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Gestão Escolar

A GESTÃO ESCOLAR E AS CONTRIBUIÇÕES DOS LAÇOS AFETIVOS

Vanessa da Silva Marques

Professora-orientadora Dra Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Professora monitora-orientadora Mestre Miriam Monaco Mota

Brasília (DF), 2014

Vanessa da Silva Marques

**A GESTÃO ESCOLAR E AS CONTRIBUIÇÕES DOS LAÇOS
AFETIVOS**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob orientação da Professora-orientadora Dra Ines Marques Zanforlim Pires de Almeida e da Professora monitora-orientadora Mestre Miriam Monaco Mota.

TERMO DE APROVAÇÃO

Vanessa da Silva Marques

A GESTÃO ESCOLAR E AS CONTRIBUIÇÕES DOS LAÇOS AFETIVOS

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em gestão escolar pela seguinte banca examinadora:

Dra Inês Maria Marques Zanforlim Pires de
Almeida- FE/UnB

(Professora-orientadora)

Mestre Miriam Monaco Mota-
UnB/SEEDF

(Monitora-orientadora)

Profa. Dra Janaína Mota Trindade – EAPE/SEEDF
(Examinadora externa)

Brasília, 29 de julho de 2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, a minha família e a todos os professores que me orientaram na construção do mesmo.

RESUMO

Este trabalho analisa as contribuições dos laços afetivos estabelecidos entre a gestão escolar e a família para a qualidade da educação pública. Sendo que esses laços afetivos são entendidos como meios de proporcionar a abertura efetiva da gestão escolar para que a família participe de forma ativa e baseada no respeito mútuo e confiança entre os membros de ambas as instituições, tendo clara entre elas a área de atuação de cada uma. A abordagem utilizada foi a qualitativa, adotando-se o estudo do caso da gestão de uma escola pública. A coleta de dados foi feita através da aplicação de um questionário e a partir desses dados, pode-se perceber que apesar da equipe gestora ter consciência das contribuições dos laços afetivos estabelecidos entre eles e a família para a qualidade da Educação Pública, no cotidiano da instituição não acontece essa relação, há não ser em reuniões esporádicas.

Palavras-chave: Gestão escolar. Família. Educação Pública.

SUMÁRIO

Memória educativa.....	7
Introdução	9
Objetivos.....	11
1- Referencial Teórico	12
1.1 - A organização escolar e a relação ensino aprendizagem.....	12
1.2 – O papel do gestor escolar e os laços afetivos	13
1.3 – O projeto político pedagógico da escola	15
1.4 – Os laços afetivos entre família e escola	17
1.5 – Psicanálise, família e escola.....	20
1.6 – As contribuições dos laços afetivos entre a gestão escolar e a família para a qualidade da educação pública.....	22
2- Metodologia.....	24
2.1 – A pesquisa qualitativa	24
2.2- O caso objeto de estudo	25
2.3 – O instrumento utilizado para coleta de dados	25
2.4 – Sujeitos de pesquisa	26
3- Análise e discussão dos resultados	27
Considerações finais	33
Referências Bibliográficas.....	35
Apêndice	38

Memória educativa

Começo este memorial no momento do meu nascimento, pois acredito que minha constituição enquanto pessoa que hoje sou se iniciou nesse momento. Nasci no dia três de setembro de 1984, na cidade de Sobradinho – DF; meu nascimento não foi algo esperado e tão pouco planejado.

Aos seis anos de idade, fui pela primeira vez para a escola, uma escola de freiras onde estudei até o final do ensino médio. No começo não gostei e tive dificuldades de adaptação, não conseguia fazer amizades e apresentei muitas dificuldades de alfabetização. Mas com a ajuda da Tia Valéria tudo foi solucionado, uma figura que marcou minha infância por seu jeito carinhoso e alegre de tratar todas as crianças que passavam as tardes do ano de 1991 com ela. Nesse momento devido à admiração por essa professora, acho que se iniciou a minha vocação por ser professora e como afirma Almeida (2002) “todo professor possui uma formação anterior adquirida ambientalmente”, durante os muitos anos em que, como aluno, estive em contato com seus professores, com conteúdos a serem aprendidos, colegas e rituais muito peculiares que lhe permitiram construir teorias implícitas sobre o processo ensino-aprendizagem e sua identidade como professor. A partir de então, sempre me destaquei nas turmas que passei, com boas notas e bom comportamento.

Já no ensino médio, tive outro professor que merece destaque. O professor de português José Maria, por quem acho até que despertei uma espécie de amor platônico. Nesse ano, passei a me dedicar ainda mais aos estudos, principalmente na disciplina dele, pois sempre no final de cada bimestre ele premiava os melhores alunos da classe, e em todos os bimestres quem recebeu os prêmios e os “fantasiosos” bilhetinhos dele fui eu. Fantasiosos, porque como eu mantinha um amor platônico por ele achava que eram intermináveis cartas de amor; mas na verdade não passavam de parabenizações pelo bom desempenho acadêmico.

Nesse ano, eu decidi que queria cursar graduação em letras. Ao prestar o vestibular no final do ano que terminei o ensino médio não fui aprovada. Então decidi que no vestibular seguinte faria Pedagogia, obtive aprovação e no segundo semestre do ano de 2003 iniciei o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília – UnB. No curso, vivenciei momentos muitos

significativos, tive bons e maus professores; fiz disciplinas que não me sentia motivada e algumas que me empolgavam muito, principalmente aquelas relacionadas a docência especificamente por se tratar da minha área de interesse.

Ao concluir o curso, fui lecionar em escolas particulares embora não me sentisse confortável. Por essa razão busquei integração no quadro da Secretaria de Educação, pois tinha certeza que ali teria um nível maior de autonomia e ai sim poderia desenvolver um trabalho pautado nos valores que julgo importantes não em níveis sociais, mas sim poder contribuir mais para a formação de uma sociedade democrática.

Logo após ingressar na Secretaria de Educação como professora, vivenciei meu momento de maior ensino e aprendizagem: ser mãe de gêmeos. Isso porque todos os dias aprendo que tudo se baseia na troca mútua de amor, assim como na profissão que escolhi e tenho grande satisfação em exercer, ser professora.

Introdução

Uma educação de qualidade vai muito além de um prédio bonito, limpo e organizado. Envolve dimensões que nem sempre estão visíveis como os laços estabelecidos entre as famílias e a gestão escolar, um ambiente seguro, uma equipe de trabalho cooperativa e com objetivos comuns, uma boa gestão e ainda desenvolver temas e atividades interessantes para o educando para que este esteja cada vez mais envolvido na sua própria educação.

Como citado acima, os laços afetivos estabelecidos entre as famílias e a gestão escolar estão entre os aspectos que contribuem para a qualidade da educação pública. Muito se tem estudado sobre os laços afetivos entre família e escola; o mesmo pode ser dito em relação à qualidade. Contudo, poucos trabalhos têm buscado entender a relação entre eles. Isto é, como os laços afetivos entre as famílias e a gestão escolar podem contribuir para a qualidade da educação pública.

O presente trabalho tem esse foco. Ele se consubstancia em uma pesquisa pela qual se evidencia a percepção das famílias e gestores sobre os laços afetivos estabelecidos entre eles e suas contribuições para a qualidade da educação pública. Isso será realizado por meio de pesquisa qualitativa, optando-se por um estudo de caso realizado em uma escola pública do Distrito Federal, situado na cidade-satélite de Brazlândia. Trata-se de uma instituição que oferece no período matutino dez turmas de 1º ao 5º ano e seis turmas de 6º ano; no período vespertino dezessete turmas de 7º ao 9º ano e no período noturno dez turmas de Educação de Jovens e Adultos. Sendo assim, presta atendimento para uma média de mil e quatrocentos alunos nos três turnos de funcionamento, a escola também funciona em sistema de educação integral.

O prédio onde funciona a instituição de ensino é constituído por dezessete salas de aula, cantina, quadra de esportes coberta, laboratório de informática, sala de múltiplo uso, sala da secretaria, direção e professores, 4 banheiros, biblioteca e parque infantil.

A equipe de gestão escolar é formada por diretora; vice-diretora; um supervisor pedagógico para o diurno e um para o noturno; bem como coordenadores pedagógicos para cada segmento de educação.

Dentro dessa constituição da escola, foi possível constatar que a participação das famílias dos educandos acontecia de maneira minimizada, mesmo em reuniões de pais com convocação oficializada com comunicados. A partir dessa situação, surgiu a necessidade de se investigar as causas para esse fato; ou seja, identificar se as famílias se mantinham distantes do processo de aprendizagem devido à confiança depositada no trabalho desenvolvido pela instituição ou se a equipe gestora não oferecia a devida abertura para que todas as famílias participassem de maneira efetiva do cotidiano escolar, estabelecendo assim laços afetivos com as mesmas.

Assim, ao final da pesquisa, pretende-se ter fundamentado características reais dos laços afetivos estabelecidos entre as famílias e o gestor escolar e suas contribuições para a qualidade da Educação pública.

Objetivos

Objetivo Geral

- Investigar quais as contribuições que os laços afetivos entre a família e a gestão podem trazer para a instituição escolar.

Objetivos específicos

- Identificar como ocorre a participação da família na instituição escolar.
- Caracterizar os laços estabelecidos entre as famílias e a gestão escolar.
- Avaliar como os laços entre as famílias e a gestão escolar contribui para a qualidade da educação oferecida pela instituição escolar.

Problema

- Quais as contribuições que os laços afetivos entre a família e a gestão escolar podem trazer para a instituição escolar?

1 Referencial teórico

1.1 A organização escolar e a relação ensino aprendizagem

Todos os relacionamentos estabelecidos entre as pessoas dentro do ambiente escolar

envolvem contradições, paradoxos e conflitos de interesses exigindo a convivência com as ambiguidades e o respeito às singularidades em busca de identificar as convergências e as intenções dos múltiplos autores que originaram o projeto e outros que participam do andamento das ações do projeto. Alguns aspectos se sobressaem como essenciais à criação e manutenção desses relacionamentos que propiciam o desenvolvimento do projeto na convivência harmoniosa com a sua complexidade: interação e colaboração. (Almeida, 2005, p: 5)

Dentro dessa perspectiva, todos os sujeitos envolvidos no processo têm potencial para produzir e receber informações que são capazes de alterar todo o desenvolvimento e evolução do sistema. Por essa razão, os relacionamentos interpessoais não podem ocorrer de maneira aleatória o gestor precisa atuar na manutenção desses relacionamentos para que sejam capazes de enfrentar conflitos, contradições e ambiguidades, além de reconhecer potencialidades e limitações, privilegiando a construção de espaços de diálogo.

Entretanto as teorias pedagógicas e psicológicas segundo Almeida (1993)

têm considerado a aprendizagem como um processo exclusivamente consciente e produto da inteligência. A importância dos fatores relacional e afetivo implicados no ato de ensinar-aprender são descartados e a influência dos processos inconscientes na aquisição e elaboração do conhecimento é negada.

Mas o que se vivencia na prática é que não há o ato de ensino aprendizagem sem que inteligência, afetividade e desejo estejam constantemente relacionados na relação que se estabelece entre aquele que ensina e o que aprende.

Diante do exposto, faz-se necessário a determinação de alguns conceitos indissociáveis na relação de ensino aprendizagem. O primeiro deles diz respeito ao ensino, conhecimento, aprendizagem e inteligência; o ensino é a transmissão de conhecimentos que são os conteúdos a serem transmitidos na relação de ensino aprendizagem sendo esta constituída como um processo

que ocorre entre dois polos, de um lado está quem detém o conhecimento e de outro o que vai se apropriando aos poucos desse conhecimento ao longo de todo processo, ou seja, um sujeito ensina e o outro aprende; e para Almeida (1993) *“a relação que caracteriza o ensinar e o aprender é sempre vincular e ocorre, inicialmente, no seio da família para, progressivamente, estender-se ao meio social”*.

Partindo desse pressuposto de que o processo de ensino aprendizagem tem início no seio da família e além do mais envolve dois sujeitos um que ensina e outro que aprende não se pode deixar de destacar a importância e influência da afetividade nesse processo, uma vez que é indispensável e indissociável das diferentes tarefas e atividades desenvolvidas pelo ser humano. Para tanto, segundo Almeida (1993) faz-se necessário que na

relação ensinar-aprender se reconheça a afetividade do aluno como uma dimensão inseparável, indissociável da inteligência, promotora de desenvolvimento, e que o educador tenha, ele mesmo, clareza "de sua própria afetividade enquanto educador.

Assim, ao se observar as relações estabelecidas entre os sujeitos, é possível afirmar que as instituições escolares assumiram uma configuração diferente de anos atrás e que os laços de afetividade agora têm papel de destaque, são estabelecidos culturalmente e se tornam indissociáveis dos processos cognitivos que permeiam a relação de ensino aprendizagem.

1.2 O papel do gestor escolar e os laços afetivos

Diante dessa nova organização escolar, onde a afetividade torna-se elemento fundamental o gestor escolar assume grandes desafios em sua atuação que buscam se adequar aos novos padrões da sociedade atual, por meio da inovação e da prática de gestão participativa para que todos compartilhem a gestão da escola. Uma vez que, a gestão participativa precisa contemplar, além dos professores e outros funcionários, os pais, os alunos e qualquer representante da comunidade que esteja interessado na escola e na melhoria do processo pedagógico,

para o sucesso da organização, considera-se relevante que a gestão da escola busque a participação de todos e em diferentes cargos (coordenadores, professores, técnicos- administrativos, serviços gerais) para uma melhor implantação dos objetivos almejados e um comprometimento maior. Assim, é necessário que a organização escolar possua uma gestão participativa, pois a principal alternativa para que a escola se transforme em um ambiente de crescimento contínuo e integrado é a participação e o comprometimento de todos. (Tres, 2011; p:21)

Como exposto, o gestor assume uma nova responsabilidade dentro do contexto escolar entretanto continua com todas as outras que sempre fizeram parte de suas atribuições, tornando-se responsável pelas questões pedagógicas, financeiras e administrativas e precisa coordenar e controlar todos os setores do ambiente escolar, compreendendo sua atribuição como gestor, motivador e agente de transformação. Assim sendo, o gestor, na sua figura de líder, deve despertar o potencial de cada componente da instituição, transformando a escola num ambiente de trabalho contínuo, onde todos cooperam, aprendem e ensinam o tempo todo estabelecendo laços afetivos entre si.

Um dos laços afetivos que pode contribuir para a maior qualidade da educação é aquele estabelecido entre o gestor e as famílias de seus educandos isso porque as escolas e a família são instâncias que mais diretamente têm influência no processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças e por essa razão,

não é fácil definir o papel dos pais na escola e no conjunto do sistema educacional. Eles têm dupla perspectiva de colaboração e de controle, tornam-se assim, as primeiras referências no tocante à apreciação qualitativa dos resultados da educação, mas o grupo gestor das instituições escolares precisa orientá-los, permanentemente. (Pires, 2012, p:11)

Essa orientação precisa partir do pressuposto de que a família é responsável pela socialização do indivíduo e é a principal mediadora dos padrões e dos modelos sociais e culturais, além de ser a primeira instância de proteção e do bem estar da criança. É na família que nascem valores, crenças, já existentes, nas sociedades. Portanto, segundo Pires (2012) assumir uma aproximação com as famílias de forma qualitativa, criativa e prazerosa é parte das tarefas dos gestores escolares, uma vez que as condições familiares se manifestam, na relação professor/aluno e constituem chaves de compreensão

importante para o planejamento e a realização da ação pedagógica.

Esse planejamento para a efetiva participação da família precisa estar contemplada no Projeto Político, pois este representa o ponto de partida da concepção de escola, envolve os saberes históricos, culturais e educacionais que caracterizam a singularidade de cada grupo ou comunidade.

1.3 O projeto político pedagógico da escola

A educação desenvolvida atualmente na maioria das escolas de nosso país tem apresentado problemas; como reprovação elevada, desinteresse dos alunos entre outros; que não permitem a educação desempenhar seu verdadeiro papel social onde o indivíduo possa se desenvolver e transformar-se em um cidadão capaz de modificar a sociedade da qual faz parte. Para que ocorra então uma mudança nesse aspecto da educação, faz-se necessário que ocorra um planejamento dentro do ambiente escolar nos seus diferentes níveis de abrangência.

O nível de abrangência que deve ser coordenado prioritariamente pelo gestor é o que diz respeito ao Planejamento da Escola que é conhecido como Projeto Político Pedagógico, a elaboração e execução deste deve envolver toda a comunidade escolar na busca pela organização do trabalho pedagógico da escola na sua globalidade. Para que o Projeto Político Pedagógico alcance seu verdadeiro objetivo, precisa estar fundamentado em alguns princípios como: igualdade de condições para acesso e permanência na escola, qualidade do ensino, gestão democrática, liberdade e valorização do magistério.

Além disso, na elaboração desse planejamento precisa-se pensar na realidade de cada escola e planejar segundo as suas características específicas para que com sua implementação ocorram mudanças políticas, pedagógicas e administrativas na realidade escolar com uma maior abertura e uma efetiva participação dos diferentes segmentos na definição e na construção dos rumos da escola. Portanto, segundo Silva (2009), cabe ao gestor educacional ter clareza quanto aos caminhos que pretende construir, de modo a se criar condições para que a participação seja a mais ampliada e

efetiva possível, tanto nos processos de tomada de decisão quanto na organização dos trabalhos nas instituições e nos sistemas educativos.

Vasconcellos (2006) apresenta duas maneiras de se efetivar um planejamento. A primeira delas é o planejamento participativo onde este é visto como um instrumento de intervenção no real para transformar a sociedade tornando-a mais justa e igualitária, todos os sujeitos estão envolvidos no processo e sua opinião tem igual valor, uma vez que o planejamento envolverá o trabalho e desenvolvimento de todo o grupo. O segundo tipo é o não participativo, uma vez que o grupo de gestão escolar elabora o planejamento e o restante do grupo precisa executá-lo, cabendo a estes decisões minoritárias e a organização diária de seu trabalho.

Nas unidades escolares que elaboram coletivamente o Projeto Político Pedagógico e em sua prática este é valorizado por todos os sujeitos do processo de ensino aprendizagem, faz-se necessário que uma medida avaliativa também seja adotada uma vez que é através da avaliação que se identifica os objetivos alcançados e aqueles que ainda se pode melhorar e então reelaborar o planejamento, para que se esteja mais próximo do sucesso total na educação, ou seja, avaliação e planejamento constituem-se como instrumentos indispensáveis a qualquer gestão escolar para indicar uma direção as suas ações, dos educadores e principalmente dos educando em formação na instituição. Segundo Veiga (2007), para que o processo avaliativo seja democrático precisa acontecer em três momentos: a descrição e problematização da realidade escolar, a compreensão crítica da realidade e proposição de alternativas de ação e o momento de criação coletiva.

Entretanto, aqueles gestores que optam por fazer um planejamento não participativo perdem esse caráter da avaliação na organização do seu trabalho pedagógico, como mencionado ocorre na escola de minha atuação, o gestor acaba por avaliar somente o seu trabalho e o dos outros funcionários individualmente; não há a avaliação dos resultados da organização do trabalho pedagógico institucional.

Diante do exposto e da realidade educacional brasileira onde a escola precisa lidar com vários problemas como violência, falta de cooperação de funcionários, altos índices de evasão e reprovação, falta de participação da família, entre outros; sabe-se que não é tarefa fácil para o gesto nortear a

elaboração de um planejamento que possa criar condições para traçar novos rumos na organização do trabalho pedagógico. Para tal, faz-se necessário considerar o Projeto Político Pedagógico como uma análise do cotidiano escolar e também que ocorra a democratização e descentralização das tomadas de decisões das mãos do gestor para que todos os sujeitos da comunidade escolar possam participar de maneira efetiva a fim de transformar a realidade atual da educação e assim alcançar sua qualidade almejada por todos os envolvidos no processo.

1.4 Os laços afetivos entre família e escola

A configuração familiar conjugal como apresenta-se hoje não foi sempre assim. Segundo Portella e Franchischini (2006), a família, no passado, era a união de pessoas aparentadas que viviam, na mesma casa particularmente o pai, a mãe e os filhos. Porém, atualmente, em muitos casos e em muitos lares, a família não apresenta mais essa configuração. Mudanças ocorreram, principalmente, no século XX, que começou como ciclo histórico novo, em plena vigência de uma guerra que teve a Europa como cenário. Segundo os autores referidos, as principais mudanças ocorridas foram: aumento da expectativa de vida, diminuição do índice de natalidade, a maior participação das mulheres no mercado de trabalho e um aumento dos índices de divórcios e separações.

Durante boa parte do século XX, a família nuclear foi a configuração predominante. Pai, mãe e filhos mantinham uma relação muito próxima e muito estreita; embora aparecessem outras relações de parentesco em uma relação mais distante. Entretanto,

essa família nuclear, tendo pai como figura central, foi experimentando modificações: o grande patriarca foi perdendo esse status. Mãe e filhos deslocaram-se de seus lugares mais periféricos para ocupar um novo espaço. Os filhos, reivindicando e conquistando o direito de escolher. As mães e, mais que elas, as mulheres em geral reivindicando o direito de uma nova subjetividade, mais poder sobre a geração de filhos e maior inserção no mercado de trabalho. (Portella & Franchischini, 2006; p:12)

Diante dessas transformações, a família assume nova conceituação e, deixa de ser somente a estreita relação com os pais biológicos, para ser

considerada como “ conjunto de adultos que se relacionam de uma forma duradoura e constante com as crianças e jovens no seu espaço e na sua casa.”(Diogo, 1998, p: 39). O conceito de família engloba, conseqüentemente, não só as situações de paternidade biológica, como as situações resultantes de novos matrimônios, adoções e diferentes arranjos familiares não convencionais.

Com essa modificação no núcleo familiar, uma nova cultura vai se formando onde se idealiza uma família como a predominante no passado, mas a quase totalidade das pessoas, hoje, integra uma família que vivenciou alguns daqueles fatores advindos com o século XX. E nessa cultura é comum o indivíduo sofrer discriminações pelo fato de integrar uma família diferente daquela idealizada pelos indivíduos, o que acaba acarretando um desconforto para o indivíduo e; assim, a família perde seu real significado que é “um lugar onde as pessoas buscam seu bem- estar, mesmo que esta não busque o modelo vigente”. (Szymanski, 2003:27)

Diante desse quadro, os laços entre a família e a escola também assumiram novas formas. As famílias não têm configuração idêntica; por essa razão o ponto de partida para tal relação é o (re)conhecimento mútuo. Segundo Szymanski (2006), para que isso seja possível os gestores precisam manter um contato pessoal com a família, com a história do aluno e de sua família e, sobretudo, de seu cotidiano; para que essa relação se desenvolva com base nos recursos e possibilidades pessoais de cada família e não partir das dificuldades e limitações.

Outro aspecto relevante é a necessidade de atualização, tanto para os pais como para os gestores, no que se refere as práticas educativas de cada âmbito: familiar e escolar. Pois, pode-se perceber, constantemente, uma confusão a quem cabe a educação dos educandos e quais aspectos cabem a cada instituição fornecer a estes.

Entretanto, ambas as instituições têm funções intrínsecas de preparar seus membros para o ingresso na sociedade e desempenhar funções que lhe garantam a sobrevivência nesse meio. Pois “a família e a escola são os dois primeiros ambientes sociais vitais que servirão de referência para suas condutas sendo conseqüentemente instituições fundamentais no crescimento da criança” (Diogo, 1998). Assim, ambas as instituições têm funções

importante na formação de seus membros, sendo que a escola tem a especificidade de transmitir ao indivíduo os saberes já acumulados na história e conteúdos específicos de algumas áreas do saber. Diante desse fato, o que diferencia a ação educativa dos pais da ação da escola são os objetivos, métodos, emoções, na natureza dos laços pessoais entre os protagonistas e, evidentemente, nas circunstâncias que ocorrem.

Outra consideração importante nos laços entre família e escola refere-se ao comportamento das famílias das diferentes camadas sociais em relação a escola. Segundo Szymanski (2003), mesmo em escolas públicas, famílias de classe média desenvolvem estratégias de participação, com vistas a criação de condições para o sucesso de seus filhos individualmente, o que as vezes dificulta o trabalho da escola. Já que nem sempre se engajam num projeto coletivo de melhoria do ensino e das relações da escola com a família.

Assim, os laços entre família e escola envolvem valores, crenças e até mesmo condições sociais, que são diferentes entre os próprios alunos. Por isso, para que ocorra uma participação efetiva é necessário que haja um clima de respeito mútuo e confiança entre os membros de ambas as instituições, tendo acima de tudo delimitado a área de atuação de cada uma.

Além do clima de respeito mútuo essa educação onde a família atua ativamente tem outra questão a ser discutida que é o lugar destinado a essas famílias pela escola. Segundo Diogo (1998, p:71) citando Montadon (1991), a escola pode atribuir aos pais os seguintes papéis para sua participação na escola:

- 1- os pais são considerados como clientes que nada conhecem de pedagogia ou de gestão e, por consequência, o que há a fazer é informá-los;
- 2- os pais são considerados fiadores a quem se recorre para se obter um feedback, uma informação retroativa;
- 3- os pais são considerados um grupo de pressão o que na perspectiva dos gestores, os coloca frequentemente numa posição de adversários;
- 4- os pais são considerados como verdadeiros parceiros, sem pretenderem tornar-se profissionais de ensino ou de gestão, são não apenas consultados mas participam nas decisões. Essa concepção raramente concretizada, uma vontade política de modificar as relações sociais no interior da escola.

A partir desses papéis que a escola atribui aos pais, a participação dos mesmos, segundo Diogo (1998), pode seguir um dos três modelos abaixo:

- 1) A comunicação entre família e gestor: trata-se de um modelo em que os gestores prescrevem o tipo de apoio que os encarregados de educação devem proporcionar aos seus filhos nas tarefas escolares em casa; pois os gestores sabem mais que os pais em relação ao apoio que estes devem dar aos educandos, ou seja, segundo esse modelo, os pais são considerados auxiliares mas não verdadeiros parceiros no processo.
- 2) O modelo interativo: os laços entre família e gestor acontecem baseados no respeito mútuo entre pais e professores, sendo que os objetivos são definidos conjuntamente por todos os sujeitos desse processo, mas a família não participa das execuções desses objetivos.
- 3) O modelo de parceria: um processo que se traduz em respeito mutuo, reflexão crítica, preocupação e participação em grupo, no sentido de conduzir a uma redistribuição dos recursos valorizados.

Dessa forma, como pode ser aprendido todo laço entre família e gestor é baseado no papel estabelecido a cada sujeito do processo. Assim, nos laços entre família e gestor o que deveria estar realmente em discussão é uma reconceitualização dos papéis tradicionalmente atribuídos aos atores do processo educativo, tendo em vista uma colaboração não desmobilizante, desenvolvendo os gestores um conjunto de ações com as famílias e não para as famílias. Uma vez que, uma educação com a participação efetiva da família *“ integra as noções de parceria, de partilha de responsabilidades e de participação, tendo como pressupostos de base o que o sucesso educativo de todos só é possível com a colaboração de todos.”* (Diogo, 1998 p:74)

1.5 Psicanálise, família e escola

Através do estudo da mente humana foi desenvolvida a Teoria da psicanálise, sendo Freud um dos representantes dessa teoria e apresentando com estes estudos novas maneiras de perceber o homem, sua cultura e a relação deste com sua família. Freud começa a abordar a relação familiar ainda em 1897, ao abandonar a teoria da sedução e citar pela primeira vez o

complexo de Édipo, sendo este fundamental para a formação da personalidade do indivíduo, já que em sua primeira definição é esclarecida o fato de o filho apaixonar-se pela mãe e ter ciúmes do pai e, para Freud (1924, *apud GOMES*, 1998 p.43) “é o destino de todos nós, talvez dirigir nosso primeiro impulso sexual no sentido de nossa mãe e o nosso primeiro ódio e o nosso primeiro desejo assassino contra nosso pai.” Além disso,

“apesar de sua retirada da lembrança, estas e outras fantasias infantis, assim como todos os sentimentos amorosos e agressivos com ela relacionados, mantêm-se ativos no inconsciente, presentificando-se na conduta e nas escolhas do adulto”. Costa (2000, p.137)

Essas escolhas, influenciam a qualidade dos laços afetivos criados no seio da família, pois os indivíduos tendem a repetir e recriar comportamentos observados e vivenciados ainda na infância, portanto, a boa resolução do complexo de Édipo é de fundamental importância para que os relacionamentos da infância sejam substituídos por escolhas adequadas e conscientes na vida adulta, ou seja, essas escolhas nada mais são do que a educação do indivíduo.

Dessa forma, percebe-se que a educação de um indivíduo inicia-se não na escola como acredita-se atualmente, mas com a família, sendo esta

que fornece as paredes da vida psíquica para o sujeito. Não é o quê se fala, mas o quê se transmite nos gestos, ações, postura, etc. e oferece à criança repertório para tornar-se parte de uma realidade compartilhada, permitindo a construção de sua relação com o campo cultural. (Bracco, 2005, p:2)

Entretanto pode ocorrer casos em que estas necessidades não sejam supridas ainda na infância e o indivíduo, ao adentrar a escola, busque suprir algumas carências que vão além de ensinar conteúdos, mas participar da formação da subjetividade desse indivíduo.

Por essa razão, os processos educacionais deparam-se com o desafio de lidar com os aspectos subjetivos inerentes ao ser humano, ao mesmo tempo em que continuam buscando objetividade nas suas práticas organizacionais, sem deixar de levar em consideração a heterogeneidade humana e a complexa singularidade de cada um na relação que se estabelece consigo, com o outro e com o mundo; uma vez que pode sensibilizar para o maior reconhecimento da dimensão humana no trabalho,

e assim dar abertura a espaços de escuta e maior fluidez na comunicação e nas atividades.

1.6 As contribuições dos laços afetivos entre a gestão escolar e a família para uma educação pública de qualidade.

Uma educação pública de qualidade envolve a integração de elementos. Dentre esses elementos está a participação da família como fator determinante, desde que haja na escola uma abertura efetiva para essa participação, indo muito além de simplesmente participar da reunião de pais.

A participação da família de maneira efetiva envolve aspectos como:

acompanhamento minucioso da escolaridade dos filhos, escolha ativa do estabelecimento de ensino, contato frequente com professores e gestores, ajuda regular nos possíveis deveres de casa e maximização das aprendizagens escolares, assiduidade nas reuniões e eventos realizados pela escola e utilização do tempo extra escolar com atividades favorecedoras do sucesso escolar.” (Nogueira, 2000: 53).

Segundo Zabalza (1998) esse tipo de participação enriquece o trabalho educativo que é desenvolvido na escola, enriquece os próprios familiares e a própria ação educativa que as famílias desenvolvem em suas casas.

Além disso, os gestores podem muito com a presença dos familiares, ao ver como eles enfrentam dilemas básicos da relação com os educandos. Pois cada família e seus filhos são portadoras de um vasto repertório que se constitui em material rico e farto para o exercício do diálogo, aprendizagem com a diferença, a não discriminação e as atitudes não preconceituosas. Nesse sentido, as instituições de educação juntamente com os seus profissionais devem desenvolver a capacidade de ouvir, observar e aprender com as famílias.

Entretanto, o que se presencia hoje na maioria das escolas é um distanciamento entre essas duas instituições sociais, tão importantes para o desenvolvimento do sujeito em formação, para ambas as instituições torna-se mais fácil criticar sobre o trabalho da outra ao invés de construir uma relação mais cooperativa, o que seria melhor para todos e principalmente para o educando; ou seja é preciso que a família e a escola conscientizem-se que o

relacionamento entre ambas é vital para que a qualidade da educação pública, sendo que esta relação precisa ser franca, aberta e coerente. O sujeito em formação é um só. Há que se considerar, conjuntamente, a coerência nos objetivos educacionais, nos valores, nas crenças e nos traços culturais gerais da família e aqueles propostos pela escola.

2 Metodologia

2.1 A pesquisa qualitativa

Atualmente as pesquisas realizadas no campo educacional objetivam captar o processo educativo em sua dimensão real e todas as interações que ocorrem em seu complexo cotidiano. Para isso faz-se necessário a utilização de metodologias de pesquisa que estude os fenômenos em seu acontecer natural e que “leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influencias recíprocas” (André, 2003, p:17), ou seja, uma metodologia que vá além da manipulação de variáveis, de quantificações ou tratamentos experimentais. Como é o caso da metodologia qualitativa utilizada para realizar a presente pesquisa. A pesquisa qualitativa tem como parâmetro cinco características básicas apresentadas por Ludke e André (1986, p:11) citando Bogdan e Biklen:

- “1- A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
- 2- Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos.
- 3- A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.
- 4- O significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas.
- 5- A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima.”

Tendo como base essas características, a pesquisa qualitativa pode assumir várias formas, dentre elas o estudo de caso que será utilizado nessa pesquisa. Esse tipo de metodologia busca aprofundar a compreensão de um caso específico e bem delimitado. Nesse sentido o pesquisador interessa-se pelo que ele tem de único, de particular, compreendido como uma representação singular da realidade multidimensional e historicamente situada, mesmo que posteriormente venha a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. O estudo de caso apesar de possuir as mesmas

características da pesquisa qualitativa, já citadas anteriormente; também apresenta as seguintes, encontradas em Ludke e André (1986, p:18):

- 1- Os estudos de caso viram descoberta.
- 2- Os estudos de caso enfatizam a interpretação em contexto. Para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa.
- 3- Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda.
- 4- Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação.
- 5- Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas.
- 6- Estudos de caso procuram representar as diferentes e as vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social.
- 7- Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

2.2 O caso objeto de estudo

Nesse presente estudo seleciona-se como caso uma instituição de ensino pública. Como critério optou-se por uma escola com maior quantidade de alunos, tendo-se como pressuposto a ideia de que nesse tipo de instituição a parceria entre os gestores e as famílias seria dificultada pela grande quantidade de alunos.

A instituição atende todos os níveis do ensino fundamental. Situa-se em uma cidade satélite do Distrito Federal e atende em média de mil e quinhentos alunos em três turnos (matutino, vespertino e noturno).

2.3 O instrumento para a coleta de dados

Para coletar os dados será utilizado um questionário especialmente elaborado para esta pesquisa. O questionário será composto por questões iniciais para a caracterização da amostra e questões abertas direcionadas a temática da pesquisa que são os laços afetivos estabelecidos entre a gestão escolar e a família. No contexto, elas buscam captar o pensamento dos sujeitos pesquisados sobre aspectos do cotidiano de suas escolas bem como suas opiniões acerca dos laços afetivos estabelecidos entre os gestores e as famílias e as contribuições para a qualidade da educação pública.

2.4 Sujeitos da pesquisa

Os questionários foram aplicados aos componentes da equipe gestora da instituição, totalizando quatro sujeitos: a diretora, a vice-diretora, a supervisora dos turnos matutino e vespertino e o supervisor do turno noturno.

O tempo de docência de todos os sujeitos coincidiu com o tempo de docência na Secretaria de Educação do Distrito Federal, que foi de quinze anos. Já o tempo de atuação na gestão escolar teve uma média de quatro anos. No que diz respeito a formação profissional os dados mostram que a maior parte dos sujeitos são graduados nas áreas humanas do conhecimento e todos possuem formação em nível de especialização lato sensu.

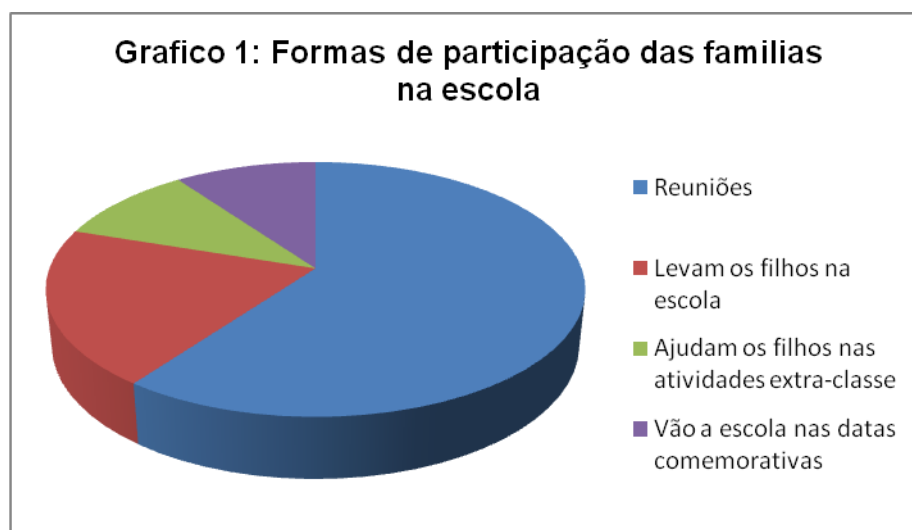
3 Análise e discussão dos resultados

No presente capítulo, serão considerados os resultados obtidos a partir da aplicação dos questionários, sendo que o principal objetivo de tal instrumento foi obter subsídios para analisar as principais contribuições dos laços afetivos estabelecidos entre a família e a escola para a qualidade da educação pública, eixo do presente estudo.

Os laços afetivos estabelecidos entre família e escola *“implicam uma aliança formal e um acordo contratual no sentido de se trabalhar em direção a objetivos comuns e partilhar os proveitos e benefícios do investimento mútuo.”* (Diogo, 1998 p:73). Assim, dentro dessa perspectiva os laços afetivos estabelecidos entre família e escola são vistos como a participação ativa da família em todos os momentos do processo educativo, mas para isso a escola precisa estar aberta para que essa participação ocorra e que beneficie os sujeitos desse processo com mecanismos que proporcione seu desenvolvimento integral. Todos os sujeitos da pesquisa ao indagados sobre o que significa os laços afetivos entre família e escola concordam que estes se fundamentam na participação ativa dos pais, indo além de somente participar das reuniões, uma vez que a família precisa participar diretamente da formação da subjetividade do indivíduo que acontece constantemente dentro e fora da escola.

Para que esta relação seja efetivada, segundo Dessen e Polonia (2007), a escola deve inserir no seu Projeto Pedagógico um espaço que valorize as práticas educativas familiares, bem como levar em consideração as diferenças culturais. Para assim propiciar a convivência da família com a comunidade estreitando os laços afetivos que as une, assegurando uma continuidade da educação iniciada pela família. E como foi citado anteriormente, Vasconcellos (2006) apresenta duas maneiras de se efetivar um Projeto Político Pedagógico. A primeira delas é o planejamento participativo pelo qual este é visto como um instrumento de intervenção no real para transformar a sociedade tornando-a mais justa e igualitária, todos os sujeitos estão envolvidos no processo e sua opinião tem igual valor, uma vez que o planejamento envolverá o trabalho e desenvolvimento de todo o grupo.

Entretanto não é isso que a amostra pesquisada afirma acontecer no cotidiano da escola em que atuam, como apresenta o gráfico 1:



Diante disso, é muito provável que a tendência da equipe gestora da escola seja perceber os pais “*como clientes que nada conhecem de pedagogia ou de gestão e, por consequência, o que há de fazer é informa-los*” (Diogo, 1998 p:71) e acabam por adotar o segundo tipo de Projeto Político Pedagógico apresentado por Vasconcelos (2006) que não é participativo, uma vez que o grupo de gestão escolar elabora o planejamento e o restante do grupo precisa executá-lo, cabendo a estes decisões minoritárias e a organização diária de seu trabalho. Entretanto, nas respostas não se evidenciou que isto ocorre por desinteresse dos pais em participar do processo, ou se a equipe gestora não dá abertura para que a família trabalhe junto com a escola na educação das crianças.

Se a causa para que não ocorra a participação das famílias ativamente no processo for a falta de abertura da equipe gestora pode ser que isso ocorra devido a algumas dificuldades que os gestores afirmam que essa participação traz ao seu trabalho pedagógico como, por exemplo; os pais que em casa acabam por retirar dos educandos os limites que a escola impõe e o fato que não aceitam as dificuldades dos filhos e acham que é sempre culpa da escola que precisa além de tratar dos conteúdos objetivos, lidar com questões subjetivas respeitando as diferenças de cada indivíduo.

Entretanto se os laços afetivos entre família e escola fossem estabelecidos no modelo de parceria proposto por Diogo (1998) , traria muitas contribuições para a qualidade da educação pública. A contribuição citada pelos gestores é a segurança do educando, que é um dos direitos de qualquer criança ou adolescente e um pré-requisito fundamental para a qualidade da Educação pública.

Além de segurança, para os gestores uma Educação pública de qualidade precisar apresentar alguns aspectos citados pelos mesmos na pesquisa:

Quadro 1: Aspectos da Educação Pública de qualidade

Aspectos citados pelos gestores
1- Bons professores
2- Materiais adequados para o trabalho pedagógico.
3- Boas instalações
4- Condições de trabalho adequado para a equipe de profissionais.
5- Amor dos profissionais pelo que fazem
6- Bom Projeto Político Pedagógico.
7- Trabalho em equipe.
8- Bom salários para os profissionais.
9- Empenho da equipe de trabalho.
10-Participação da família no cotidiano escolar.
11-Professores com boa formação.
12-Formação continuada para os professores.
13-Apoio da equipe gestora para o trabalho pedagógico.

Apesar da amostra da pesquisa citar esses treze fatores como fundamentais para a qualidade da educação pública, atualmente a mesma é avaliada oficialmente com base fundamentalmente no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb,2011) que sintetiza dois conceitos para a qualidade da educação: aprovação e média de desempenho dos estudantes em língua portuguesa e matemática. O indicador é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e médias

de desempenho nas avaliações do Índice nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira - Inep: o Saeb¹ e a Prova Brasil².

Ao se fazer uma comparação entre os itens citados pela amostra da pesquisa, percebe-se que esses dois conceitos não estão presentes explicitamente, mas que todos em harmonia contribuem para o aumento do Ideb da escola e conseqüentemente para a qualidade da educação pública. Além disso, esses treze conceitos citados pela amostra pesquisada indicam que nessa instituição escolar existe uma qualidade humanizadora, que constitui-se num desafio constante para o trabalho do gestor.

Talvez por ser um desafio para o gestor, nas indicações obtidas na pesquisa parece que para a equipe gestora a qualidade não está centrada no educando nem tampouco nos laços afetivos entre família e escola; mas na maior parte do tempo na equipe de profissionais entretanto, esse não pode ser o foco principal para o trabalho pedagógico, mas sim os educandos e tudo relacionado a vivência dos mesmos que fazem parte das duas instituições sociais, por essa razão esses laços afetivos são vitais para a qualidade da educação. Sendo que precisam ser entendidos como a abertura efetiva da gestão escolar para que a família participe de forma ativa e baseados no respeito mútuo e confiança entre os membros de ambas as instituições, tendo claro entre elas a área de atuação de cada uma..

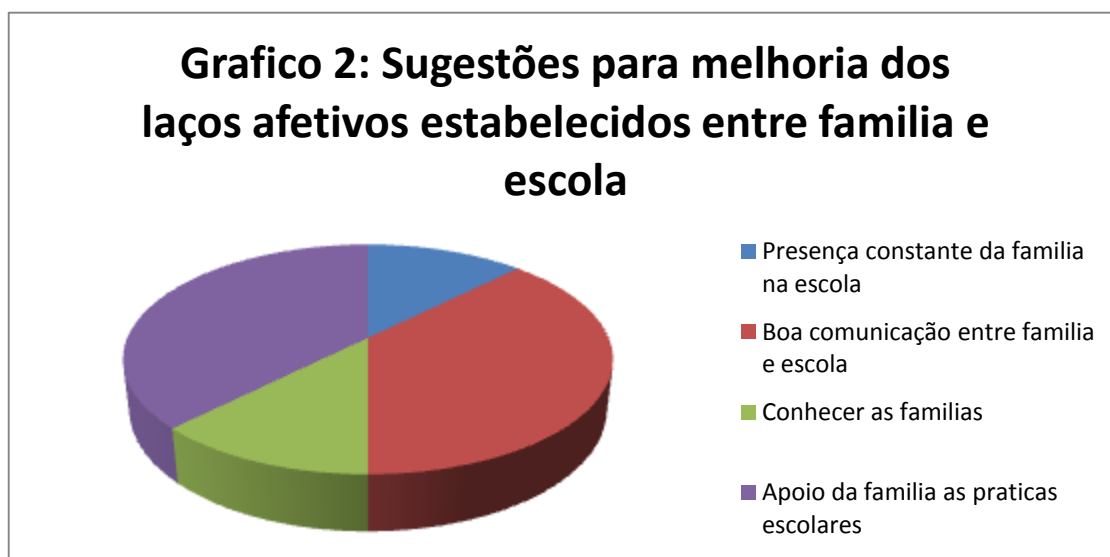
O trabalho em equipe, citado pela amostra pesquisada também é importante para qualidade da Educação pública; uma vez que a qualidade

¹ O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) , conforme estabelece a Portaria n.º 931, de 21 de março de 2005, é composto por dois processos: a Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb) e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc).

- A Aneb é realizada por amostragem das Redes de Ensino, em cada unidade da Federação e tem foco nas gestões dos sistemas educacionais. Por manter as mesmas características, a Aneb recebe o nome do [Saeb](#) em suas divulgações;
- A Anresc é mais extensa e detalhada que a Aneb e tem foco em cada unidade escolar. Por seu caráter universal, recebe o nome de [Prova Brasil](#) em suas divulgações.

² A Prova Brasil trata-se de uma avaliação censitária envolvendo os alunos da 4ª série/5ºano e 8ªsérie/9ºano do Ensino Fundamental das escolas públicas das redes municipais, estaduais e federal, com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino ministrado nas escolas públicas. Participam desta avaliação as escolas que possuem, no mínimo, 20 alunos matriculados nas séries/anos avaliados, sendo os resultados disponibilizados por escola e por ente federativo.

nesse espaço é o produto de comprometimentos conjuntos, de ideias e relações pessoais, de ações integradas e de satisfações de necessidades humanas, ou seja; sem o trabalho de uma equipe partilhando objetivos, afetos, direitos, direitos e deveres não se conquista a qualidade. Dentro dessa equipe de trabalho, está inserida a equipe gestora da escola e o seu apoio a essa equipe é um dos elementos necessários para se ter qualidade na Educação Pública, já que está nas mãos desta a responsabilidade de tudo que ocorre dentro da instituição. Além disso, o apoio da gestão para a equipe de profissionais pode, muitas, vezes se configurar numa postura adequada de maior flexibilidade e tolerância nas diversas situações do cotidiano escolar, inclusive naquelas relacionadas aos laços afetivos entre família e escola que segundo a equipe gestora podem ser melhorados utilizando das estratégias apresentadas no gráfico abaixo.



Esse gráfico de como a mostra gostaria que a participação da família acontecesse para que contribuísse para a qualidade da Educação Pública, nos permite inferir que; apesar de na prática pedagógica desses gestores, os laços afetivos entre família e escola acontecer de maneira bem diferente, como foi descrita acima; esses têm consciência que a participação da família na escola de maneira ativa contribui, sim, para a qualidade da Educação Pública, mesmo não criando condições para que ela aconteça. Essa anulação da participação da família pode estar pautada no fato de que a configuração familiar como se

apresenta hoje não foi sempre assim, passou por várias mudanças; assim a relação que a família estabelece com a escola também assumiu novas formas, e essa instituição em questão pode ainda não ter se adequado a essa realidade.

Assim, se ambas as instituições focassem seus esforços para o êxito do processo de ensino aprendizagem os laços afetivos estabelecidos entre família e escola contribuiriam para a qualidade da Educação Pública uma vez que, as famílias podem desenvolver práticas que venham a facilitar a aprendizagem escolar e desenvolver hábitos coerentes com os da escola, uma vez que

Os integrantes da unidade familiar são os que mais se interessam pelo seu sucesso. Ainda que isso possa significar um modelo de família diferente daquele tradicional com pai, mãe, filhos e irmãos. A família seja ela como for, marca para a vida toda. Positiva ou negativamente.(Sousa, 1998 p: 14).

Considerações finais

A família juntamente com a escola desenvolvem um papel muito importante no desenvolvimento das educandos, já que nesses dois ambientes ocorrem aprendizados decisivos para seu desenvolvimento enquanto indivíduo e cidadão. A família por ser o grupo social primeiro da criança é, em geral, o que ela pode ter em termos de um início de referencial confiável. Já a escola é o primeiro ambiente em que o indivíduo se distancia de sua família, ou seja, é no momento de entrada na escola que o indivíduo começa a formar sua autonomia e identidade.

Dessa forma, ao observar os papéis sociais dessas duas instituições, percebe-se que são diferentes, mas que são complementares. Por essa razão, nada melhor que serem desenvolvidos numa ação conjunta, compartilhando métodos, objetivos e técnicas construindo juntas uma educação pública de qualidade com um interesse comum de promover o bem estar do educando e um profundo respeito as suas individualidades, associados a um planejamento de ações integradas que possam contribuir, positivamente, para os processos de aprendizagem e desenvolvimento desse indivíduo.

Mas ao observar o cotidiano da maioria das escolas, não é o que se encontra. Como acontece, no objeto de estudo detse trabalho; onde a equipe de gestores demonstra nas respostas dos questionários terem plena consciência da importância de se estabelecer laços afetivos com a família, onde ambas as instituições atuem sempre e constantemente; mas ao observar sua prática encontramos a família e a escola atuando de maneira estanque, sem muitas vezes não terem conhecimento do que acontece dentro de cada uma e acabam por ter uma relação onde predomina o distanciamento e que o mais importante é criticar o trabalho da outra do que construir uma relação colaborativa, o que seria melhor para ambas e, principalmente, para os educandos. Diante desse fato, pode-se identificar o alcance do objetivo principal desta pesquisa uma vez se percebe como os laços afetivos são estabelecidos entre a gestão escolar e as famílias da escola pesquisada; embora não ocorram de maneira que contribua efetivamente para a qualidade da educação pública.

Assim, pode-se perceber que faz-se necessário que a equipe gestora busque novas formas de trazer as famílias para participar da vida da escola, pois são um elemento fundamental na construção de uma escola pública de qualidade. Isso porque, cada indivíduo que entra na escola vem de uma cultura familiar diferente e com a participação das famílias pode-se traçar um perfil de cada indivíduo para melhor atendê-los.

Devido a importância desses laços afetivos entre família e a equipe gestora para a qualidade da educação pública, para responder ao problema desta pesquisa: quais as contribuições que os laços afetivos entre a família e a gestão escolar podem trazer para a instituição escolar? Seria interessante realizar um estudo para que também fosse levado em consideração a opinião das famílias acerca da participação dos mesmos na escola. Ainda seria pertinente também um estudo onde fosse realizado o acompanhamento do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos que contam com a participação das famílias e as que não contam. Para a partir daí ser feita uma comparação desse desenvolvimento e, então analisar se realmente os laços afetivos estabelecidos entre família e a escola é fator de qualidade da Educação Pública.

Referencias Bibliográficas

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. **O Ser infante e o Ser professor na memória educativa escolar..** In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 4., 2002, São Paulo.

ALMEIDA, M. E. B. **O relacionamento entre parceiros na gestão de projetos de educação a distância: desafios e perspectivas de uma ação transdisciplinar.** In: II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, 2005, Vitória, ES. Anais do II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, 2005

ALMEIDA, S. F. C. de . **O Lugar da Afetividade e do Desejo na Relação Ensinar-Aprender.** TEMAS EM PSICOLOGIA, RIBEIRÃO PRETO, v. 1, p. 31-44, 1993.

Andre, Marli Elisa D. A.De. **Etnografia da prática escolar.** São Paulo: Editora Papyrus, 2003.

Bracco, Silvia Maia. **Psicanálise e educação: um diálogo possível.** An. 1 Simp. Internacional do Adolescente May. 2005

COSTA, Gley, P. **A Cena Conjugal.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana Costa da. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano.** Universidade de Brasília, Distrito Federal Brasil. Paidéia, 2007. Disponível em:<www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>acesso em: 13/06/2014

Diogo, José M.L. **Parceria escola- família: a caminho de uma educação participada.** Portugal: Porto Editora, 1998.

GOMES. Cristina, I. **O sintoma da Criança e a Dinâmica do casal.** São Paulo: Escuta, 1998.

Ludke, Menga; Andre, Marli Elisa D. A. De. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, Editora EPU, 1986.

<http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/portal-ideb>

Nogueira, Maria Alice (org). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias populares**. Petropolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

Pires, Iêda Maria Maia. **A GESTÃO ESCOLAR E O DESAFIO DE UMA PARCERIA “EFETIVA” COM A FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO DE “QUALIDADE”**. Conselho Estadual de Educação do Ceará/ Coordenadoria de Executivos Escolares, 2012.

Portella, Fabiana Ortiz; Francheschini, Ingrid Schoeder (orgs). **Família e aprendizagem: uma relação necessária**. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2006.

Sousa, Maria de Fátima Guerra de. **Educação Infantil: os desafios da qualidade na diversidade**. In: **Sesi. Departamento Nacional. Seminário Nacional de Educação Infantil: identidade na diversidade**. Brasília, 1998, p. 1-19,

Szymansky, Heloisa. **A relação família/ escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano Editora, 2003.

Tres, Janialy Alves Araújo. **Desafios do Gestor Escolar para a Mudança Organizacional da Escola**. Tese de especialização em gestão escolar, Faculdade Frassinetti do Recife, 2011.

VASCONCELLOS, Celso S. **Planejamento: Projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 9. ed. São Paulo: Libertad, 2006. p. 14-64.

VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: _____ (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 23. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. p. 11-35.

SILVA, Marcelo Soares Pereira da. **O gestor escolar frente o desafio da participação no planejamento do trabalho escolar: dimensões e**

significados. In: Escola de Gestores da educação básica. 2. ed. 2009. CD-ROM.

Zabalza, Miguel. (Org). **A qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Apêndice: Instrumento de pesquisa

Caro gestor

Sou aluna do curso de especialização em gestão escolar da Universidade de Brasília – UnB e estou realizando uma pesquisa para conclusão do curso, sendo que o tema são as contribuições que os laços estabelecidos entre gestão e família podem oferecer para a qualidade da educação pública. Para conclusão desta pesquisa, preciso de sua colaboração respondendo a todas as perguntas abaixo.

Desde já agradeço sua colaboração!

Vanessa

Dados de identificação

Idade: _____

Sexo: () F () M

Formação: _____

Tempo de docência: _____

Tempo de atuação na Secretaria de Educação do Distrito Federal: _____

Tempo de atuação na gestão de escolas públicas: _____

- 1- No seu ponto de vista, o que são laços afetivos e como podem ser estabelecidos entre o gestor e as famílias da comunidade escolar?

- 2- Na sua opinião, como a família pode participar nas atividades realizadas no cotidiano escolar?

- 3- De que forma acontece a participação das famílias na escola em que você é gestor (a)?

4- O que é necessário para se ter qualidade na Educação Pública?

5- Quais os principais aspectos positivos e negativos que você identifica na participação da família no trabalho pedagógico da escola que você é gestor (a)?

Aspectos positivos	Aspectos negativos

6- Quais as principais dificuldades e facilidades que você identifica com a participação da família no trabalho pedagógico da escola que você é gestor (a)?

Dificuldades	Facilidades

7- Se dependesse só de você, o que faria para melhorar a qualidade dos laços afetivos estabelecidos entre a equipe gestora e as famílias?
